

produto final do Trabalho, e que seu fundador, Pakh Subud, era o Avatar do futuro, o Despertador de Consciências, mencionado em *All and Everything* com o nome de Ashiata Shiemash. Se bem que para Gurdjieff Ashiata viveu perto da antiga Babilônia, Bennett se convenceu de que ele seria uma indicação da vinda do Messias. No livro *Concerning Subud*, Bennett também fala de viagens ao Oriente e de encontros com homens santos que predisseram que ele, John Bennett, se tornaria o João Batista inglês de um novo Salvador. Não há exagero nisso: Bennett acredita que Subud seja “a segunda vinda”, o arauto do fim da era atual da história da Terra.

Nascido na Indonésia em 1901, Subud veio para a Inglaterra em 1957, instalando-se na casa de Bennett, em Coombe Springs, onde logo floresceu um movimento. A atriz de cinema Eva Bartok, antiga discípula de Gurdjieff, foi à casa logo após a chegada de Subud, pois sofria de um mal que exigia grave intervenção cirúrgica. Estava grávida, e temia perder a criança. A mulher de Subud prescreveu-lhe o *latihan*, uma espécie de meditação, sem qualquer resultado. Dezenove dias depois, quando Eva Bartok estava prestes a se internar no hospital para a cirurgia, o próprio Subud entrou em ação. Bennett diz que o quarto ficou “carregado de uma energia que aniquilava todos os sentimentos pessoais”, e que os presentes viveram uma experiência telepática de temor e dor física, gradualmente substituída por uma crescente fé no poder de Deus. Em seguida, Subud declarou que Eva Bartok não precisava ser operada (o que os médicos confirmaram), e o bebê nasceu normalmente. A publicidade resultante ajudou a difundir o Subud por todo o mundo ocidental. Mas frustraram-se as esperanças de Bennett, que desejava ver todos os discípulos de Gurdjieff unindo-se ao Subud. Muitos deles sentiram, compreensivelmente, que a essência do sistema de Gurdjieff era sua natureza lógica e científica, e que Subud, Avatar legítimo ou não, nada tinha a ver com isso.

A essência do método denominado Subud (Bennett nega que seja crença ou religião) é o *latihan*. O que é o *latihan*? É uma “abertura” mental que permite que as energias divinas realizem sua obra de transformação. Os seguidores do Subud têm de passar por uma iniciação ao *latihan* através de um “ajudante”, e a princípio tem de ser “aceito” num grupo. Posteriormente, estabelecida a prática, o *latihan* pode ser usado em casa. Cada *latihan* dura cerca de meia hora, e os seguidores do Subud o praticam cerca de três vezes por semana.

A essência do *latihan* é a *quietude interior*, a abertura do coração para o significado. Pareceria, pois, que se trata apenas de outro nome para a experiência mística básica. Por exemplo, a capacidade de Powys de, por algum meio, entrar na essência das árvores e rochas, era uma forma de *latihan*. Não é um exercício ou uma forma de oração — a única “ação” é o ato inicial de submeter a mente à força, o que em consequência produziria uma espécie de reação química na alma.

O *latihan* não constitui apenas a experiência mística básica, mas a experiência poética básica. Wordsworth principia a ode *Intimations of Immortality*

latihan

com a descrição de um estado de confusão interior e desestímulo. Em seguida, abre a mente para a natureza e deliberadamente induz a consciência positiva, até que possa escrever “e novamente sou forte”. Subud, fonte espiritual maior que Wordsworth, é capaz de dar início a esse estado em outras pessoas, transmitindo diretamente sua própria “consciência positiva”. Bennett observa que o *latihan* difere dos exercícios comuns de meditação ou relaxamento na medida em que não conduz ao entorpecimento — como os exercícios de Gurdjieff, ele desperta mais a mente. A poesia tem esse mesmo efeito, como o de uma pitada de fermento adicionada ao suco de uva: a fermentação interior dá início a um processo de *purificação*.

O *latihan*, portanto, é uma das formas básicas de prática mística, talvez a forma básica. Deve-se esclarecer a importância do “ajudante”. O ponto inicial do *latihan* é a transcendência da costumeira autodivisão, o que constitui uma dificuldade para uma pessoa dividida, sem uma sensação de objetivo definido induzido por outra pessoa. Pelo mesmo motivo, é mais difícil alguém hipnotizar a si mesmo do que se deixar hipnotizar por outrem.

Não obstante, deve-se dizer claramente que o *latihan* não é a consumação lógica dos exercícios de Gurdjieff. Gurdjieff almejava o fortalecimento da “verdadeira vontade” do homem. Seu ponto de partida é que há algo *errado* com o homem, como pode haver algo errado com qualquer máquina — um carro ou um relógio, por exemplo. A primeira necessidade é compreender a máquina. Esta não é a via do monge, do faquir ou do iogue, mas a quarta via. Gurdjieff a denomina “a via do homem hábil”, mas poderia ser chamada com igual precisão de via do mecânico, do homem que entende a máquina. O caminho de Subud é essencialmente o caminho do santo ou do monge, a abertura da alma para Deus. É a via de Ramakrishna, de Sri Ramana Maharishi, de Sri Meher Baba, e encontrou um expoente mais recente no Maharishi que exerceu tanta influência sobre os Beatles. É difícil compreender de que modo Bennett — que conhecia Gurdjieff desde 1920, considerando-o um dos homens mais notáveis que já conhecera — poderia chegar à conclusão de que o Subud é uma continuação direta do Trabalho. Trata-se de uma estrada alternativa, que conduz à mesma direção, mas é algo totalmente diverso. Gurdjieff almejava uma espécie de “Yoga do Ocidente”, com a utilização de qualidades tipicamente ocidentais — análise científica, precisão intelectual, capacidade prática, energia impetuosa — para fins psicológicos. O Subud é essencialmente um método religioso. O próprio Gurdjieff o teria aprovado da maneira mais calorosa. Mas o Subud não lhe poderia ensinar nada que já não soubesse.

Bennett mesmo chegou a essa conclusão, deixando o Subud quatro anos depois de ligar-se a ele.*

* Andrew Haydon, membro do Subud, passou-me a seguinte informação: “Ele [Bennett] sentiu que o *latihan* não era suficiente e pretendia praticar os exercícios de Gurdjieff. Ao pedir conselho a Pakh Subud, este lhe disse que nada tinha a ver com a escolha, mas Subud sentiu que ele já havia optado e pediu que se afastasse das funções de ajudante. Mas o rompimento definitivo de relações se deu num confronto de personalidades, numa comissão que tratava de necessidades práticas do Subud”.